Para uma Introdução

à

Filosofia da Linguagem

Florival Seraine

I – NOTA LIMINAR

1.1 – Há quem julgue difícil, até impossível, traçar os limites conceituais da Filosofia da Liguagem, em face da Ciência respectiva, também denominada Lingüística.

Em verdade, não é raro encontrar na obra dos filósofos citações de assertivas procedentes de lingüistas afamados e reconhecidos como tais, em todos os círculos de estudiosos da linguagem, a exemplo de F. de Saussure, O. Jespersen, E. Benveniste, R. Jakobson, A. Martinet e vários outros.

Ao mesmo passo, observa-se, por vezes, os lingüistas estenderem-se em suas dissertações especializadas numa linguagem que se confunde perfeitamente com a do discurso filosófico.

Sabemos, contudo, que a diferença entre as duas formas de abordar o conhecimento da linguagem pode ser basicamente estabelecida.

1.2 – Numa perspectiva geral, segundo H. J. Barraud, uma das diferenças entre o pensamento filosófico e o pensamento científico consiste em que "o primeiro não pode raciocinar sem conceitos e princípios **a priori**: ser, substância, idéia, sensação, causalidade, permanência, identidade, etc., enquanto que o segundo não possui outros fundamen-

tos que "a positividade dos fatos e o método de explicação **a posteriori**".(1)

G. M. Tagliabue adota, a respeito, uma fórmula mais concisa, considerando que "os sábios desejam salvar os fatos; os filósofos, pelo contrário, desejam salvar os princípios".(2)

Não podemos esquecer ainda que autores, movidos pelo **esprit de système**, chegaram a negar a validade própria, independente, dos estudos filosóficos da linguagem, rotulando-os, não sem certa dose de subestimação, de **paralingüísticos**. Nesse sentido só à lingüística seria dado penetrar no domínio da linguagem propriamente dita.(3)

1.3 – E. Cassirer, filósofo da linguagem e da cultura, e uma das mais significativas figuras do pensamento sobre nosso objeto de estudo, no século corrente, acha que as duas formas de saber – o científico e o filosófico – coexistem e não se devem separar, com o objetivo de firmar as bases essenciais para todo o conhecimento. É assim que, em seu livro "Para a Lógica das Ciências da Cultura" considera que essa diferenciação revela simplesmente "uma barreira histórica e, portanto, fortuita", determinada pelo estado das ciências no século XVIII. Em outro passo do volume citado assevera ainda que o pensamento atual das ciências particulares "nos mostra que já não podemos estabelecer a separação entre as ciências particulares e a Filosofia, ao modo como o faziam os sistemas empíricos e positivistas do século XIX". E prossegue: "O 'aparecer' e o 'valer', o 'fenômeno' e sua 'objetividade' não são, portanto, duas esferas que se possam separar entre si dentro do espaço e entre as quais se estenda uma fronteira típica. São, pelo contrário, dois aspectos que se complementam correlativamente e que só em sua coordenação sentam as bases fundamentais e originárias para todo o saber".(4)

No campo específico da linguagem, não podemos deixar de considerar a importância dos estudos filosóficos, assim como dos científicos, que podem ser destacados **tanto pelos materiais como pelos métodos** que lhes são peculiares.

1.4 – Apesar de não querermos ocultar as relações e conexões que ocorrem entre as duas formas de saber, não nos alongaremos sobre a Ciência da Linguagem, cuja história poderá ser acompanhada em obras a ela atinentes.(5)

1.5 – De passagem, citamos apenas o interesse que o lingüista Noam Chomsky manifesta pelo pensamento de Descartes acerca da

linguagem, bem assim, de outros cartesianos como Cordemoy, que trabalharam dentro da estrutura do pensamento do autor do **Discurso sobre o Método**. O lingüista da **Gramática Gerativa Transformacional** firma-se em proposições básicas de cunho filosófico para elaborar as suas concepções lingüísticas, e não esquece daquela referência cartesiana ao "aspecto criador do uso da linguagem".(6)

Eugênio Coseriu, lingüista romeno de projeção internacional, em suas disquisições especializadas norteia-se, muitas vezes, por fundamentos gnoseológicos e metódicos de estirpe filosófica. Em suas apreciações sobre autores e obras busca, de ordinário, as raízes filosóficas. Basta citar o que considera sobre Hjelmslev, o notável lingüista do Círculo de Copenhague, naquelas páginas incisivas de **"Forma y Sustancia en los Sonidos del Lenguaje"**, em que aponta vários erros lógicos na obra do dinamarquês, decorrentes do seu platonismo fundamental.(7)

Poderíamos referir outros casos, mas não insistiremos sobre o tema, pois aqui o objeto central de nossas preocupações é a Filosofia da linguagem, que não consideramos apenas uma **paralingüística**, mas um ramo do saber lingüístico, já definido e circunscrito, com um passado rico de valores intelectuais e ainda hoje vigente em obras consideráveis, apesar das pretensões exageradas de alguns ramos da Lingüística moderna. A Filosofia da Linguagem está viva e estimulante nas produções de um Cassirer, de um Wittgenstein, de um Croce, de um Dewey, de um Hönisgwald, de um Vossler e tantos outros.

Cabe-nos, então, buscar uma definição, alicerçada em pensadores modernos, que abranja a filosofia da linguagem em sua esfera autêntica e nos limites do seu posicionamento epistemológico.

1.6 – Notemos agora como se expressam acerca do tema dois pensadores, cujos trabalhos capitais foram divulgados já em nossa época.

Comecemos pelo "idealista" Karl Vossler, que, logo no início do seu livro **O Espírito da Linguagem na Civilização** formula as seguintes asserções: "O piedoso vê nela o sopro divino, o ilustrado uma disposição natural que, até certo ponto, é partilhada pelos animais. A origem da linguagem é atribuída pelos psicólogos à parte psíquica desta disposição; pelos foneticistas à parte física; pelos sociólogos, à vida comunitária do homem. O choque de opiniões torna-se mais violento quando atinge o problema do **valor (value)** da linguagem. Superestimação opõe-se à subestimação. Por um ângulo, a linguagem é julgada ser erro e ilusão, um véu encobrindo a verdade, o próprio engano; de outro, é considerada como o primeiro e mais importante educador

do nosso pensamento, mesmo quando ele pensa em si próprio. Se desejamos escolher nosso caminho entre essas opiniões classificantes, temos de perceber que necessitamos da ajuda da Filosofia e até da Metafísica, que nos levará aos supremos fundamentos do espírito humano". Em outros lugares da mesma produção acentua: "Pois a Filosofia da linguagem não é a aplicação desta ou daquela **Weltanschauung** à Ciência; significa pensamento independente e pesquisa dentro da natureza da linguagem". "O empirismo pode ser separado da metafísica tanto quanto a pesquisa, do pensamento". "Acima de tudo, desejamos combater o que muito favoreceu à divisão do trabalho, segundo a qual o filósofo se encarrega de pensar e o empirista de coligir e de 'conhecer'. De um lado, tantos conceitos indefinidos, vazios, se acumularam; do outro, tantas '**assumptionless**', isto é, tantos fatos estéreis, que é tempo de demolir a barreira".(8)

1.7 – No capítulo I da sua obra "O Problema do Conhecimento", o neo-positivista Alfred J. Ayer, pronuncia-se a respeito do assunto: distinção entre Filosofia e Ciência. E assim que escreve: "Podemos distinguir a Filosofia de outras artes ou ciências não tanto por seu tema como por seus métodos. Os filósofos formulam enunciados que pretendem ser verdadeiros e, pelo comum, se baseiam em raciocínios, tanto para defender suas próprias teorias, como para refutar as de outros. Os argumentos que utilizam têm, contudo, um caráter peculiar. A prova de um enunciado filosófico não é, salvo muito raras exceções, como a de um teorema matemático; em geral não consiste em uma demonstração formal. Tampouco se assemelha às demonstrações dos enunciados das ciências descritivas. As teorias filosóficas não são controladas mediante observações e são neutras com respeito aos fatos particulares". E esclarece: "Isso não quer dizer que os filósofos não se interessem pelos fatos, porém, se encontram na estranha posição de que todos os elementos de prova que incidem sobre os seus problemas já estão ao seu alcance. Não se necessita uma informação científica suplementar para decidir problemas filosóficos, tais como se o mundo material é real, se os objetos continuam existindo quando não os percebemos e se os outros seres humanos são conscientes de igual modo em que alguém mesmo o é. Estes não são problemas que se possam resolver mediante uma experimentação, visto que o modo de resolvê-los determina a maneira como hão de interpretar-se os resultados de qualquer experimento. Em outro local do mesmo Capítulo, após seguras perquirições acerca da distinção aludida, observa: "Os filósofos se dedicam a levantar questões como: que é a mente? que classe de relações é a causalidade? qual é a índole da crença? que é a ver-

dade?" E aduz logo em seguida: "A resposta a isto ainda, por certo incompleta, é que já conhecendo, de antemão, o uso de determinadas expressões, os filósofos tratam de efetuar uma análise do seu significado. É difícil compreender esta distinção entre o uso de uma expressão e a análise do seu significado.(9)

Viu-se, pois, que, apesar da diversidade dos argumentos e dos modos estilísticos que lhes são próprios, os dois pensadores, integrantes de escolas filosóficas basicamente antagônicas, não hesitam em evidenciar a distinção entre as duas formas do saber, que Vossler, não obstante, termina por desejar livres de uma radical separação.

1.8 – A linguagem humana, sem dúvida alguma, se acha incorporada à classe dos objetos reais, que se nos dão na experiência sensível, na percepção externa ou na íntima, que compreendem os objetos físicos e os psíquicos. Para estudá-la cientificamente teremos de enfocá-la a partir dessa noção fundamental, numa perspectiva empírica primordial dos temas, e não empregando ou se orientando pelos métodos hipotético-dedutivos, as formulações **a priori**, que se aplicam ajustadamente nos axiomas e postulados da Matemática e da Lógica. A Lingüística ou Ciência da Linguagem, é, fundamentalmente, uma ciência de fatos, de objetos reais, captáveis pela percepção sensível. A Filosofia da Linguagem requer, essencialmente, outro método de estudo ou investigação, diferente dos aplicados à Ciência da Linguagem, segundo muito bem considerou o filósofo A. J. Ayer.

1.9 – Embora não se possa rejeitar aquela assertiva de que, **lato sensu**, a Ciência se ocupa do **como**, enquanto a Filosofia do **porquê**, da linguagem, o certo é que, por vezes, os lingüistas deixam a observação raciocinada e a experiência dos fatos para expandir-se em considerações gerais sobre a natureza da linguagem. Em atitude paralela, filósofos mostram-se gratos aos lingüistas em receber deles matéria que lhes parece interessar à reflexão filosófica, como não hesita em declarar o pensador contemporâneo – Étienne Gilson. Esse autor nos fala da "liberdade que tomam inúmeros lingüistas de filosofar por conta própria e de apresentar sua filosofia como se fosse cousa que pertencesse à Ciência". "A reflexão filosófica sobre a linguagem" – aduz Gilson – "pode ser que não conduza a grande cousa: porém, a menos que se tenha a todos os filósofos por insensatos, na realidade da linguagem, **tal como esta é**, tem de haver algo que convide a filosofar".(10)

Mas não é só isso, evidentemente. Pois um acervo de idéias, de

concepções originais a respeito da linguagem, no plano da especulação filosófica, veio-se constituindo no decurso do tempo e, ainda hoje, é acrescido pela contribuição de pensadores eminentes.

W. Brugger, em seu "Dicionário de Filosofia", considera que as mais importantes tarefas da filosofia da linguagem são: o esclarecimento das relações entre pensamento e fala (primazia e influência), entre as funções expressiva e representativa da linguagem, a elucidação das conclusões psico-físicas da fala, do papel desempenhado pelo indivíduo e pela comunidade nacional na construção da língua, das relações entre a linguagem-tipo e a estrutura das línguas particulares; a investigação da origem primeira da linguagem no tempo, bem como da origem da linguagem na criança e na ulterior evolução da língua.(11)

As atribuições conferidas à especulação filosófica sobre a linguagem, na discriminação acima citada, abrangem, decerto, temas de importância capital na esfera filosófica propriamente dita, parece-nos, todavia, que, em certos pontos, tendem a desviar a sua incidência cognitiva para a órbita da Ciência, tal como a entendemos na época atual, alcançando em algumas proposições o campo teórico de disciplinas modernas como a Psicolingüística e a Sociolingüística.

A seguir, faremos um retrospecto das concepções filosóficas julgadas mais relevantes, quanto à matéria em exame, o qual compreende desde a Antiguidade grega até o nosso tempo. Por fim, tentaremos apresentar uma definição da Filosofia da Linguagem, orientando-nos basicamente pelo enfoque analítico do problema, efetuado por W. M. Urban, o insígne autor de **Language and Reality.**(12)

BIBLIOGRAFIA

1) Barraud, H. J. – Ciência y Filosofia – **Gredos** – Madrid, 1971. p. 9 (versão espanhola).
2) Tagliabue, G. Morpurgo – **Ap.** H. – J. Barraud – **Op. cit.** – **ibidem.**
3) Câmara Jr., J. Mattoso – História da Lingüística – **Vozes** – Petrópolis, 1975 – p. 19.
4) Cassirer, Ernst – Zur Logik der Kultur Wissenschaften – Há edição em espanhol: Las Ciências de La Cultura – Fondo de Cultura Económica – México, 1951 – pp. 30 e 31, especialmente.
5) V., em língua portuguesa, Câmara Jr., J. Mattoso – **Op. cit.** e Machado, José Pedro – Breve História da Lingüística – **Inquérito** – Lisboa, 1965 (2ª edição).
6) Chomsky, Noam – Lingüística Cartesiana – **Vozes** – Petrópolis,

1972 – pp. 16-17 e **passim** (versão portuguesa).
7) Coseriu, Eugênio – Forma y Sustancia en los Sonidos del Lenguaje – **Departamento de Lingüística – Universidad de la República** – Montevidéu, 1954 – p. 182 e **passim**.
8) Vossler, Karl – The Spirit of Language in Civilisation – **Routledge & Kegan Paul Ltd.** – Londres, 1951 – pp. 1,2, 5 e 6.
9) Ayer, Alfred J. – El Problema del Conocimiento – **Eudeba** – Buenos Aires, 1962 – pp. 9-10 e 11 (versão espanhola).
10) Gilson, Étienne – Lingüística y Filosofia – **Gredos** – Madrid, 1974 – pp. 11, 12, 13 e **passim** (versão espanhola).
11) Brugger, Walter – Dicionário de Filosofia – **Editora Pedagógica e Universitária** – São Paulo, 1977 – p. 252 (tradução do alemão – 3ª edição).
12) Urban – Wilbur Marshall – Language and Reality – **George Allen & Unwin Ltd.** – Londres, 1951 (2ª edição).